

Memórias perdidas

Por Ivana Moura¹

Em algum momento, o cérebro pode dar defeito. O Alzheimer pode se instalar na cabeça de qualquer um, independente da classe social, da cor da pele, da religião. Os mais velhos são os mais atingidos, mas os jovens não estão blindados. A maioria dos casos são entre mulheres, mas as pesquisas científicas prosseguem estudando os homens. A doença de Alzheimer é o tipo de demência neurodegenerativa mais comum, mas há outros. Quando o cérebro não consegue mais funcionar corretamente, aparecem os problemas na memória, no pensamento e no comportamento.

Memórias perdidas: a noite que se aproxima, solo da atriz Simone Sobreda, leva ao palco as repercussões da doença como eixo temático, flexionado pela experiência da artista com a mãe, com a avó, e da perspectiva que ela mesma possa ser acometida pela enfermidade por questões hereditárias.

Delicadamente, Simone Sobreda expõe nossas vulnerabilidades em camadas opacas, como nas opções no tom bege dos tecidos do cenário e do figurino. Evidenciam, - e incomodam, na falta de vibração cromática -, que tudo se debota, as vestimentas, os objetos, as recordações.

Com direção de Caren Ruaro e dramaturgia de Rogerio Guarapiran, a peça foi tecida em muitas interlocuções. Traça reflexões sobre o papel da mulher, extraída do discurso concreto na vivência da avó e da mãe de Sobreda. Esses dados carregam o espetáculo de beleza e principalmente das dores que são varridas para debaixo de algo que disfarça o sofrimento. Feridas camufladas de cotidiano.

¹ Jornalista, crítica de teatro, escritora, artista e produtora cultural. Idealizadora e editora do Satisfeita, Yolanda? (www.satisfeitayolanda.com.br), site de crítica teatral e áreas afins, que funciona desde 2011. Mestra em Letras / Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (2005). Doutoranda em Artes Cênicas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – USP.

Multiplicada em muitas figuras, feito caleidoscópio às vezes fundido de papéis, a atriz se apresenta como mãe, filha, cuidadora, narradora. Pelas brechas aparecem os homens. A autoridade da ciência também é masculina e se materializa chata, relapsa com o feminino, rígida sem porosidade.

São graves as informações levantadas no espetáculo sobre o envelhecimento no Brasil: as insuficiências das políticas públicas - prejudicadas pelo descaso do atual governo federal -, a falta de rede de apoio para as famílias, e a nebulosidade que paira sobre o Alzheimer mais de 100 após sua descoberta.

Investigação no tempo presente carregado de incertezas, cruzando experiências pessoais com as urgências de uma realidade que avança. A opressão masculina chega na peça de forma velada – nas escolhas das mulheres da família pelo casamento e tudo que sempre significou - ou escancarada – no discurso direto com a plateia recusando as explorações, os salários menores e qualquer espécie de agressão ou violência e reivindicando os espaços políticos e de decisões.

É um trabalho que pode despertar outras sensibilidades. Ao expor com coragem sua batalha, a atriz faz a partilha de assuntos valiosos e colabora com a conscientização de que nós humanas estamos sujeitas ao imponderável, que pode vir de qualquer parte e no caso do medo do “alemão” é preciso criar uma rede de apoio segura para esse futuro que avança.

No bate-papo após a apresentação do espetáculo (apresentado na noite de 11 de setembro, no CET, dentro da programação do Festivale), algumas pessoas compartilharam da lida idêntica, inclusive uma delas comentou como nossa alimentação com agrotóxicos e metais pesados podem acelerar as condições para a chegada da doença.

A encenação opera procedimentos interessantes para expor o que é a condição do Alzheimer. Os relatos partem de vários pontos dessa desconexão com o mundo exterior e chega ao público numa sensação de confusão mental. Mas executar essa pulsação requer um pouco mais de rigor nas transições entre as muitas subjetividades apresentadas.

Memórias perdidas: a noite que se aproxima flerta com o teatro documental em dispositivos de projeção, documentos do acervo pessoal da atriz, das fotos de seus pais e seus avós, do xale e outros objetos escolhidos e rearranjados. Essa montagem cênica pode ser multiplicada em camadas ao destacar várias versões

dos “fatos”. Ou salientar os efeitos da autoficção nas múltiplas falas de si, ou seja, apostar mais fichas na performance.

O que eu gostaria de dizer, Simone Sobreda, você já sabe. Fazer teatro é uma coisa tão boa, tão transformadora, tão revolucionária, que podemos até esquecer qualquer convenção de como se portar no palco. Digo isso porque senti uma preocupação de “interpretar”, de chegar antes nas passagens, de respeitar algum modelo clássico de representação.

O empoderamento, mais ainda, da sua corpa, - com essa energia de quase dois trilhões de segundos vividos – pode cruzar outras gradações de caráter politizado, permitindo um diálogo com a realidade circundante.

Lembro de uma fala sua, Sobreda, depois da intervenção *Paisagens Interurbanas*, resultado de residência com o Coletivo Líquida Ação. Uma dança de movimentação circular, com baldes cheios de água sendo transportados pelos performers, para cutucar as memórias dos espaços públicos. Aquele depoimento seu, Simone, levava a cidade para sua atuação. Talvez *Memórias perdidas: a noite que se aproxima* reivindique esse lúdico e político do território para sua corpa. Essas subjetivações, outros relevos. Tá tudo pulsando.

A atriz fala na cena que o teatro demorou a chegar na sua vida enquanto artista. Como diz aquela música do Chico Buarque, “não se afobe não... o amor não tem pressa, ele pode esperar em silêncio, num fundo de armário”. Ah como sua peça me fez lembrar essa canção.